



ATELIER DE ESCRITA

5.º ANO



A Lenda do Caldo de Pedra
O Azeiteiro e o Burro
Tristezas Rápidas
O Menino Grão de Milho
O Palhaço e o Sacristão
O Velho, o Neto e o Burro
Os Dez Anõezinhos da Tia Verde-Água

**QUEM CONTA UM CONTO
ACRESCENTA UM PONTO**

ESCOLA BÁSICA DE AROUCA 2016/ 2017

Nota introdutória

Este livro foi escrito pelos alunos do 5º ano, das turmas: A, B, C, D, E, F e G, durante as aulas de ateliê da escrita, no âmbito do projeto (PAE) Plano de Ação Estratégico do Agrupamento de Escolas de Arouca.

Esta atividade foi desenvolvida de acordo com a medida do PAE «Quem conta um ponto acrescenta um ponto», com objetivo de promover a competência da escrita.

Cada turma recontou uma história diferente, após ter ouvido as histórias contadas por alguns professores da ASARC (Academia Sénior de Arouca) que, em parceria com a EB 23 vieram às salas de cada turma contar os contos, de acordo com os horários disponíveis.

O projeto foi desenvolvido em articulação com os professores titulares das turmas, a professora coadjuvante e o professor coordenador da biblioteca escolar.

A Lenda do Caldo de Pedra

Era uma vez, um frade que vinha com destino a Arouca. Já cansado por caminhar tanto, foi pedindo esmola, batendo sempre a cada porta das casas que ele avistava, mas toda a gente lhe negou.

Só lhe restava uma casa. Então, ele resolveu bater à porta, mas também lhe negaram esmola. Entretanto, olhou para o chão e viu uma pedra brilhante. Pensou, até que disse:

-Que tal se eu fizer o meu caldo de pedra?

Aquela família ficou ansiosa, porque nunca tinha ouvido falar tal coisa.

Nesse preciso momento, o frade pediu à mulher que morava na casa, um copo com água para lavar a pedra.

Depois ele pediu uma panela pequenina com água para colocar dentro dela a pedra e os ingredientes e só depois é que pediu para meter a panela ao lume. Esperou um bocado até que a água ficasse bem quente para começar a meter os ingredientes que necessitava para o seu caldo de pedra.

O frade como estava a aproveitar-se da família, começou a pedir alguns alimentos que precisava: couves, cenouras, batatas, rodelas de salpicão, sal e azeite. Meteu tudo na panela e mexeu tudo muito bem mexido para acabar de fazer o seu caldo.

O cheiro já era delicioso. Por isso, o frade rezou um Pai Nosso, mas quando chegou à segunda parte do Pai Nosso, disse (A sopa de cada dia nos dai hoje...) e continuou a rezar.

Como ele já estava com imensa fome, começou a comer o caldo que estava com bom aspeto e muito delicioso. Quando acabou de comer, agradeceu àquela família por tudo o que lhe fizeram e saiu, mas levou a pedra consigo.

O marido da senhora que morava na casa dirigiu-se à porta e perguntou ao frade: Onde é que vai com a pedra?

O frade respondeu-lhe:

-Eu vou-me embora com a pedra, porque ela fez-me muito jeito.

Então o marido da senhora, já furioso, pegou em 3 laranjas e disse:

-Ó frade, esqueceste-te da sobremesa.

Mas o frade disse que já estava cheio. O marido da senhora fez pontaria para o frade e atirou as laranjas, conseguindo falhar no frade.

E assim comeu onde não lhe queriam dar nada e ainda levou sobremesa!!

O Azeiteiro e o Burro

Era uma vez dois estudantes que encontraram, numa estrada, um azeiteiro com um burro carregado de bilhas de azeite. E como estavam sem dinheiro, decidiram roubar o animal e a carga. Enquanto o pobre homem seguia o seu caminho, um deles tirou a cabeçada do burro e colocou-a no pescoço. O outro estudante fugiu com o burro e a carga.

De repente, o azeiteiro olhou para trás e viu o rapaz em vez do burro. Nesse momento, o estudante exclamou: «Ah! Senhor, quanto lhe agradeço ter-me dado uma pancada na cabeça! Quebrou-me o encanto que durante tantos anos me fez ser burro!...» O Azeiteiro tirou o chapéu e disse-lhe arrependido: «Afinal, o meu burro estava enfeitiçado! Perdi o meu ganha-pão! Peço-lhe muitos perdões por tê-lo maltratado muitas vezes, mas era teimoso!»

Está perdoado, bom homem-disse o estudante. O que lhe peço é que me deixe em paz.

O pobre azeiteiro lamentou-se porque já não podia vender o azeite. Então, foi pedir dinheiro a um compadre para ir à feira comprar outro burro. Quando lá chegou, viu um estudante a vender o seu burro. O azeiteiro pensou que o rapaz se tinha transformado, outra vez, num animal! Aproximou-se do burro e gritou com toda a força: «Olhe, senhor burro, quem o não conhecer que o compre».

Tristezas Rápidas

Era uma vez um menino de 8 anos, chamado Rodrigo. Ia a passear descalço, enquanto comia um gelado, que era uma coisa raríssima para a época.

Entretanto, passou um grupo de rapazes a correr em direção a ele, e derrubou-o e o gelado caiu. O menino ficou triste, sentou-se e ficou a olhar para o gelado todo esmagado.

Passou uma senhora idosa, a S^a Joaquina que, ao ver o rapaz sentando no chão, disse para ele pisar o gelado com força com o pé direito e o gelado esmagou-se entre os dedos. A senhora disse ao menino que não havia na cidade, um jovem que tivesse sentido uma coisa tão fresquinha entre os dedos dos pés. Por isso, pediu-lhe que fosse para casa e contasse à sua mãe, o que tinha acontecido.

O autor no fim do conto refere que esse rapazinho era ele e que nunca soubera quem era aquela senhora.

Moral da história «Não devemos levar muito a sério as tristezas da vida!».

O Menino Grão de Milho

Era uma vez um casal de agricultores que queria muito ter um filho, nem que ele fosse do tamanho de um grão de milho. E por isso, a mulher rezava todos os dias.

Passado algum tempo, a senhora ficou grávida e ao fim de nove meses nasceu um filho, tão pequeno, tão pequeno, que parecia um grão de milho.

Era o menino que levava todos os dias o lanche ao seu pai que estava a trabalhar no campo, pois era uma família pobre. O pai ficava preocupado quando o menino ia levar-lhe a comida, porque ele era tão pequeno, que até o boi o podia comer. Então, o pai recomendava-lhe que não se chegasse perto dos bois.

Um dia, o menino andava a brincar e saltou para uma folha e o boi comeu-o. O agricultor procurou-o por todo o lado, até chegar ao ponto de matar o boi.

Nessa noite, um lobo que estava com fome comeu o boi onde estava o grão de milho. Passado algumas horas, o lobo decidiu fazer as suas necessidades e o grão de milho saiu junto. Ao lado estava uma poça de água, onde se lavou da cabeça aos pés e esperou que alguém passasse.

Algum tempo depois, passou um almocreve com um burro que levava nos alforges algum dinheiro e o grão de milho saltou para lá.

Passaram dois ladrões, roubaram os alforges onde estava o grão de milho e fugiram com o burro. O grão de milho assustou o ladrão e conseguiu fugir com burro e com o dinheiro.

Quando chegou a casa bateu à porta e os pais ficaram muito contentes ao vê-lo. O grão de milho esteve a contar-lhes o que tinha acontecido e disse-lhes que estavam ricos e não precisavam de trabalhar mais.

O Palhaço e o Sacristão

No altar de uma igreja, um certo dia, chegou o Sacristão com a vassoura, a pá e o pano na mão para limpar o chão.

Quando ele se aproximou do altar, encontrou um Palhaço a brincar, equilibrando uma bola com o seu calcanhar. E entre risos o Palhaço escorregou no chão, dando uma cambalhota.

De repente, ele apercebeu-se do Sacristão que se pôs a reclamar com o Palhaço dizendo:

- Onde se viu fazer esta bagunça aqui?!

O Palhaço a brincar respondeu:

- Esta é a minha maneira de rezar. O que tenho para oferecer é igual a você, o melhor para oferecer pra Deus.

O Palhaço lembrou, que o melhor que se dá, é de coração.

Essas palavras, então, calaram o Sacristão.

E, alegremente, assim se despediu com duas piruetas fantásticas e aos pulos lá partiu.

Mas o que nem o Sacristão e nem o Palhaço viram, foi que a imagem de Jesus sorriu!

O Velho, o Neto e o Burro

Era uma vez um velho simpático chamado José que vivia numa casa nova e grande, numa aldeia distante. Tinha um neto Afonso que morava com ele.

O velho tinha uma quinta muito longe da sua casa, onde existiam animais e havia um burro que transportava o Sr. José e os utensílios que ele precisava na quinta.

Certo dia, convidou o seu neto Afonso a ir à quinta e disse-lhe que ele ia em cima do burro, pois o velho não se importava de ir a pé, porque estava habituado a fazer grandes caminhadas.

A meio do caminho apareceram uns camponeses que comentaram que quem deveria ir no burro era o senhor José.

Uns metros à frente apareceram outros camponeses e falaram que quem deveria ir em cima do burro era o neto, porque era mais pequeno. Um pouco depois, decidiram ir os dois em cima do burro, mas apareceram mais camponeses que disseram que o burro ia muito carregado, por isso, desceram do burro e foram a caminhar.

Mais à frente, outros camponeses perguntaram porque é que o burro ia sem carga e eles iam a pé. Então, o senhor José resolveu voltar ao início, o neto ia no burro e ele ia a caminhar. E lá foram para a quinta.

Lição de moral: Não te deixes influenciar pelas pessoas!

Os Dez Anõezinhos da Tia Verde Água

Era uma vez um casal que vivia feliz, mas a mulher começou a ser desorganizada e desleixada com os trabalhos domésticos.

Sempre que o marido chegava a casa ficava aborrecido por encontrá-la toda suja e desarrumada. E como esta situação se repetiu diariamente, resolveu deixar de falar para a sua mulher e dormir em quartos separados.

Lá em casa, a vida começou a ser insuportável, com o seu marido sempre a queixar-se. Então, a mulher resolveu ir pedir ajuda a casa da **Tia Verde Água**, que era velhota, mas muito simpática.

A senhora disse que a ia ajudar e ia mandar os seus dez anõezinhos que tinha lá em casa. Também lhe recomendou o que devia fazer para eles a ajudarem melhor. Pela manhã, quando se levantasse, devia fazer logo a cama, limpar o pó, lavar a loiça, acender o lume, preparar a refeição, regar as plantas, passar a roupa e remendar a que fosse necessária.

Como ela seguiu à risca os seus conselhos, nos primeiros dias o marido ficou espantado, mas não disse nada.

Visto que isto se repetiu durante muitos dias seguidos, num fim de tarde, quando regressava do seu trabalho, o homem apanhou uma bela rosa no jardim da **Tia Verde Água**. Quando chegou a casa, ofereceu-a à esposa, que ficou felicíssima.

De seguida, ela foi ter com a sua vizinha, pois queria conhecer os dez anõezinhos e agradecer-lhes.

Por fim a senhora explicou-lhe que a grande transformação na sua casa estava nas mãos dela, eram os seus dez dedos.